

JORNALISMO CULTURAL NO SÉCULO 21

Literatura, artes visuais, teatro, cinema e música

A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática

Franthiesco Ballerini



JORNALISMO CULTURAL NO SÉCULO 21
Literatura, artes visuais, teatro, cinema e música
A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática
Copyright © 2015 by Frantjesco Ballerini
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Alberto Mateus**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Ilustrações: **MaLou Ballerini**
Diagramação: **Santana**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3872-7476
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio 11

1. Breve histórico 13

No mundo 16

No Brasil Colônia 20

No século 19 21

O século 20 23

Modernismo, Estado Novo e a origem dos suplementos 24

Regime Militar 29

O jornalismo cultural nos anos 1980 e 1990 30

O que é cultura? 31

2. A prática do jornalismo cultural 41

Um rápido histórico 43

Só jornalismo ou jornalismo cultural? Algumas definições 44

A cultura como reflexo da cidade 47

A importância do crítico 48

Cultura é mais 54

Reflexão *versus* simplificação 55

Passaralhos e falta de repertório 57

Na rapidez de um átimo 58

O furo pelo furo 59

Sob o ataque do sistema 62

Cultura ou glamour? 64

Cultura de massa, jabá e muito mais 65

Entrevistas 68

3. Literatura 75

4. Artes visuais	95
5. Teatro	113
6. Cinema	131
7. Música	147
8. Novos universos: TV, informática, games, gastronomia, moda	161
Televisão	165
Informática e games	168
Gastronomia	169
Moda	172
9. Novas plataformas: TV, guia, portal, rede social e celular	175
10. Ensino	189
Posfácio – Mediações entre arte e consumo	209
Referências	213

PREFÁCIO

A história do jornalismo cultural é longa até mesmo no Brasil, onde a imprensa se desenvolveu a partir do século 19. Mas sua prática enfrenta desafios imensos, a começar pela questão geográfica. Somos um país continental, o que exige do jornalismo uma atenção aos regionalismos; ao mesmo tempo, é preciso dar visibilidade ao que se produz em nível nacional.

No dia a dia, porém, os grandes veículos de imprensa quase sempre reduzem sua cobertura cultural ao eixo São Paulo-Rio de Janeiro. E, quando notam a produção de outros estados, seu olhar é pautado pelo release. Assim, apenas quem pode pagar uma assessoria de imprensa consegue chegar às páginas da mídia nacional.

O jornalismo cultural também enfrenta outro grande desafio no Brasil: evitar que haja um nivelamento generalizado por baixo, dando mais espaço a manifestações sem qualidade, criadas pela indústria com o objetivo de fazer dinheiro. É evidente que a indústria do entretenimento não se preocupa com a arte, mas com o bolso, e essa tendência gera um repertório equivocado e pobre. Ou seja, é a redundância impiedosa: tem espaço porque vende e vende porque tem espaço.

A cultura, dessa forma, corre o sério risco de ser reduzida ao mero entretenimento. Iniciativas como a revista *Cult*, entre outras, que não se pautam por ele, têm dificuldade de sobreviver. Confesso ser um desafio diário produzir dossiês sobre pensadores num país onde cada vez mais as pessoas se rendem à facilidade da produção simplificada – um paradoxo, já que hoje obtemos informações com grande rapidez.

Outro desafio para o jornalismo cultural neste século 21 é resistir à deterioração do mundo do trabalho. Com o enxugamento das redações, as editorias de cultura mínguem e são conduzidas por poucos profissionais; cultura não é prioridade para os grandes veículos. Além disso, as agências de publicidade não se lembram dos veículos e cadernos culturais na hora de anunciar. Certa vez, perguntaram a uma grande fábrica de bebidas por que ela não investia em cultura. O profissional

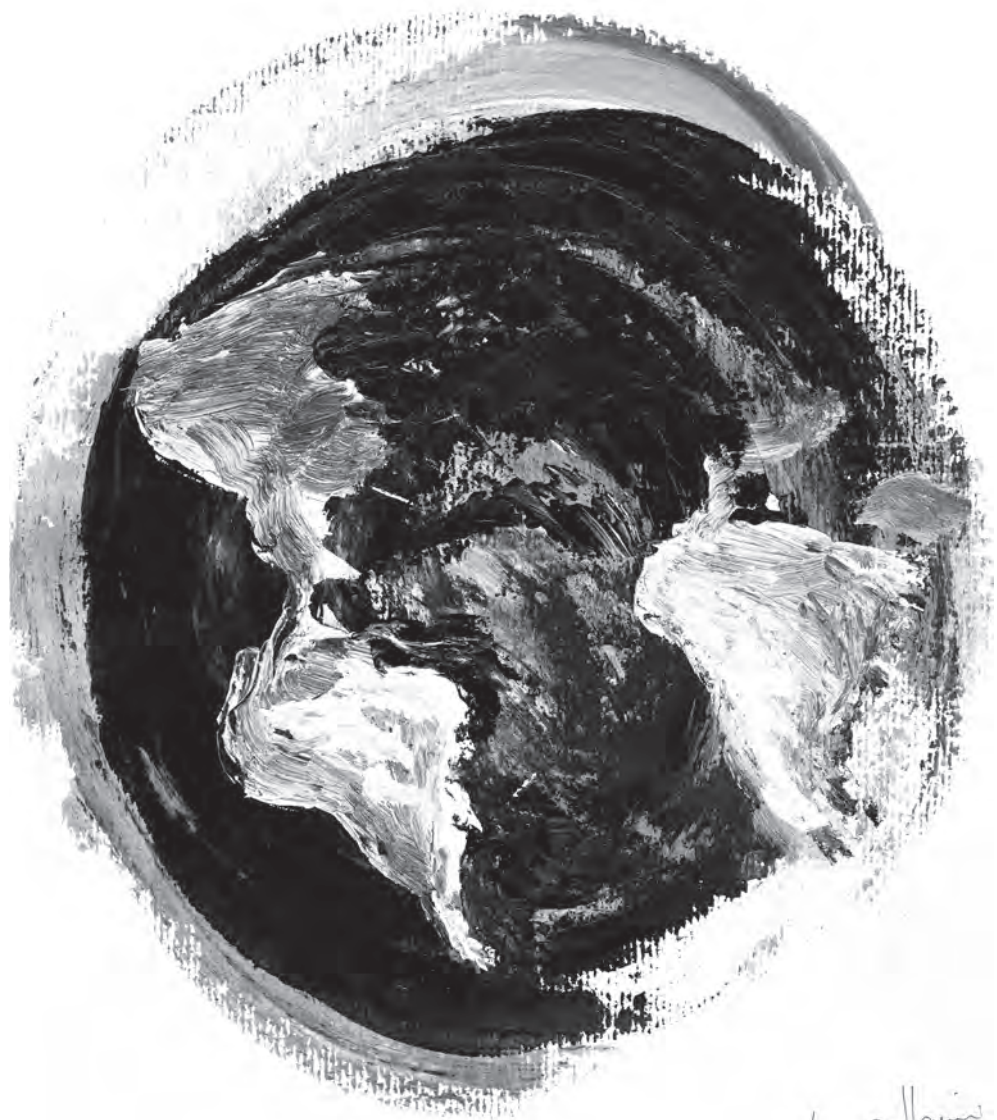
de mídia da agência respondeu: “Como não? Investimos no carnaval e no futebol!” Pois bem: cultura não é só carnaval.

Nesse sentido, este livro de Frantjesco Ballerini vem preencher uma lacuna no mercado editorial brasileiro. Analisando a história do jornalismo cultural no Brasil e no mundo, o autor explica a consolidação da crítica em nosso país e em seguida aborda as grandes áreas que ela abarca: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música. Antenado com a evolução da tecnologia e também do consumo, Frantjesco fala ainda dos novos universos que têm atraído a atenção do público – moda, gastronomia, games etc. – e das novas plataformas que veiculam esse tipo de conteúdo – portais, blogues, redes sociais etc.

Mas não só: o autor ainda dedica um capítulo especial ao ensino de jornalismo cultural – área de especialização que atrai cada vez mais estudantes – e finaliza com um contraponto entre cultura e consumo. Assim, esta constitui a mais completa obra sobre jornalismo cultural já produzida no Brasil. Recomendo a leitura com entusiasmo.

DAYSY BREGANTINI
Jornalista e diretora da revista *Cult*

1. BREVE HISTÓRICO



Galou Ballain

Uma das maiores dificuldades de contar a história do jornalismo cultural no mundo é a documentação inconstante e, às vezes, escassa ou de difícil acesso. Assim, a trajetória dessa prática jornalística se parece com um quebra-cabeça incompleto. Além disso, talvez por questões de viabilidade comercial ou barreiras culturais e linguísticas – embora estas, hoje em dia, sejam facilmente superadas pela tecnologia –, faltam livros e trabalhos acadêmicos sobre o assunto em âmbito mundial. Assim, vastas regiões geográficas, especialmente o Oriente e a África, veem-se mal representadas.

Tal constatação é evidente quando se analisam estudos e obras que contam a história do jornalismo cultural no mundo. Na grande maioria deles, a narrativa é eurocêntrica, ou seja, enfoca o pioneirismo desse tipo de jornalismo em países europeus e, posteriormente, nos Estados Unidos – de modo que o discurso jornalístico pautado pelo Norte se repete nos registros mais permanentes da história, ou seja, em livros e trabalhos acadêmicos.

Obviamente, não se pretende aqui esgotar o tema da história do jornalismo cultural no Brasil e no mundo, muito menos considerar que este capítulo abarque tamanha amplitude geográfica. Trata-se apenas de um esboço, baseado em fontes acessíveis e confiáveis, de como o jornalismo cultural se manifestou em alguns pontos do globo e em determinados momentos-chave.

Assim, a ideia é, principalmente, fornecer as bases para entender a prática do jornalismo cultural no século 21, pois, ainda que a tecnologia a tenha revolucionado, é impossível compreender seus reais delineamentos sem um contexto histórico. Afinal, é conhecendo os hábitos, os erros e as estratégias de seus protagonistas ao longo do tempo que se pode propor um futuro mais próspero para o campo.

No mundo

Embora não seja uma data-chave para o jornalismo cultural, não há dúvida de que a invenção do tipo mecânico móvel para impressão por Johannes Gutenberg, por volta de 1450, é um marco indireto dessa área do jornalismo, uma vez que a publicação de livros, poemas e textos teatrais impressos também fez surgir a crítica a essas áreas. Estamos nos referindo, portanto, ao período que a história denomina Renascença, marcado por transformações profundas nas artes, na filosofia e nas ciências.

É importante salientar que a impressão já era uma prática disseminada na China e no Japão por volta do século 8º, como lembram os pesquisadores Asa Briggs e Peter Burke (2002). Nesses países, produzia-se a chamada “impressão em bloco”: bloco de madeira entalhada para imprimir uma única página de texto específico. Os coreanos também criaram um tipo móvel, no século 15, muito parecido com a invenção de Gutenberg, o que alimenta teorias de que a invenção da imprensa ocidental teria ocorrido graças às notícias que chegavam do Oriente. Foi no Ocidente, porém, que a invenção de Gutenberg ajudou a difundir rapidamente as artes, sobretudo a literatura, tornando o terreno fértil para o crescimento do jornalismo cultural. Briggs e Burke (2002) lembram que, por volta do ano 1500, havia cerca de 13 milhões de livros circulando numa Europa com 100 milhões de habitantes. O nascimento do texto crítico só foi possível graças às transformações sociais do século 17, período em que, de acordo com Mendonça (2001), a burguesia ganha força como poder político e constrói espaços de afirmação discursiva de seu poder (jornais, revistas etc.). A crítica nasceu, portanto, para legitimar a condição burguesa contra o Estado absolutista. Todavia, seu exercício só ganhou força no século 18, com a propagação de teatros e museus nas cidades europeias. A crítica tornou-se um prolongamento das conversas travadas entre aristocratas e intelectuais frequentadores desses ambientes. A literatura foi a “mãe” da crítica cultural impressa, mas textos críticos de música também foram publicados. Curiosamente – e ao contrário do que acontece hoje –, no século 18 a crítica cultural constituía a quase totalidade do que era publicado em jornais e revistas.

Definições de jornalismo cultural surgiram até mesmo antes de sua institucionalização prática. Anchieta (2007) lembra a frase “Que todos entendam e que os eruditos respeitem”, dita em 1696 por um dos primeiros teóricos do jornalismo, o alemão Tobias Peucer, que “sentencia a vocação do jornalismo como obra cultural, ou seja, a de dizer coisas complexas por meio de formas muito simples”.

Uma das datas mais emblemáticas do jornalismo cultural no Ocidente é o ano de 1711, quando os ingleses Joseph Addison e Richard Steele lançaram a revista *The Spectator*, cujo objetivo era levar a “filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades para clubes, assembleias, casas de chá e café” (Piza,

2003). Com um corpo de colaboradores que assinava sob pseudônimo, a publicação popularizou-se rapidamente em Londres, incentivando o hábito da leitura de produtos culturais em uma das maiores cidades do mundo. Isso não quer dizer que não houvesse manifestações igualmente claras de jornalismo cultural antes dessa data. Briggs e Burke (2002) mencionam os jornais semanais ou bissemanais acadêmicos do século 17, como *The Transactions of the Royal Society of London* (1665) e *News of the Republic of Letters* (1684), que difundiam tanto informações de novas descobertas quanto novos livros. Os pesquisadores ressaltam que resenhas de livros existiam desde o final do século 17, quando “uma forma de impresso anunciava e reforçava a outra”. É também nesse período que começam a surgir os princípios de divisão do jornalismo, os chamados “gêneros jornalísticos”. Como diz José Marques de Melo (1987), que propôs uma divisão de gêneros jornalísticos no Brasil,

[...] quando o editor inglês Samuel Buckley decidiu pela separação entre *news* e *comments* no *Daily Courant*, ele iniciou a classificação dos gêneros jornalísticos, já no princípio do século 18. Desde então, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinam as suas formas de expressão, mas, sobretudo, em função das alterações culturais com que se defronta e às quais se adapta a informação jornalística em cada país [...].

No entanto, como a ideia de gêneros jornalísticos ainda não se consolidara nem mesmo na Europa, a revista abordava não só literatura, música e teatro como também política e economia, sempre com o tom irônico tipicamente inglês, tirando a cultura do pedestal e tornando-a mais acessível ao homem urbano. No século 18, na França, Denis Diderot já atuava como crítico de arte. Ele abriu caminho para poetas como Charles Baudelaire, no século seguinte, também crítico de artes visuais. Na Alemanha, nesse mesmo período, houve nomes atuantes no jornalismo cultural como Gotthold Ephraim Lessing, que escreveu sobre teatro, artes visuais e literatura para veículos como *Berlinische Privilegierte Zeitung*. Na Áustria, na passagem do século 19 para o 20, um nome fundamental da crítica foi Karl Kraus, cuja revista fundada por ele, *Die Fackel* (*A Tocha*), misturava ironia política e análise estética de obras de arte. Poeta e autor de obras como *Os últimos dias da humanidade*, viu sua publicação fechada pelos nazistas em 1936.

Outros nomes importantes começaram a se juntar a essa prática jornalística nesse mesmo período, como Samuel Johnson, um dos primeiros críticos literários europeus, atuante em publicações como *The Rambler*, o polemista político William Hazlitt (*The Examiner*) e Charles Lamb (*London Magazine*). Posteriormente, no século 19, entram em cena nomes como John Ruskin, amado e odiado em sua